O Comendador João Gabriel

(Retificações ao artigo, sob a mesma epígrafe, publicado na Revista do Instituto, do ano de 1932, pág. 25)

SOARES BULCÃO

No meu trabalho de reivindicação e retificação histórica, sobre João Gabriel de Carvalho e Melo, publicado à página 23 da Revista do Instituto do Ceará, tomo XLVI, ano de 1932, há diversos senões e omissões, que novos subsídios documentais me permitem, agora, sanar, para que se esclareça, não só a sua origem, como o mérito que lhe cabe, na qualidade de primeiro bandeirante cearense, senão na Amazônia, na sua grande artéria fluvial, que é o rio Purús.

Não preciso repetir o que já escreví sobre o motivo, algo romanesco, de sua saida do Ceará, em começo de 1847, sem que se lhe soubesse o rumo tomado.

Internado no Piauí, daí passou ao Maranhão, fixando-se no lugar *Chapada,* onde permaneceu por seis anos; tendo deixado família ilegítima, seguiu dalí para São-Luiz, onde pouco se demorou.

Em Setembro de 1854 chegou a Belem do Pará, donde, a 22 desse mesmo mês, escreveu a sua primeira carta à família, ao pai, a qual publiquei na íntegra, com os comentários merecidos.

No começo de Outubro, seguiu ele, no vapor "Rio Negro", para a cidade do mesmo nome, como ele diz. Manaus a esse tempo era uma pequena aldeia, incipiente e quasi sem significação comercial, apesar da categoria de cidade.

Aí estacionou João Gabriel até 5 de Abril de 1857, quando seguiu para o Purús, «que fica para as partes da Bolívia», conforme se lê na sua segunda carta, escrita de próprio punho, à mulher, Dona Mariana Paz,

a 8 de Novembro de 1858, datada de Manaus, tambem transcrita por mim, com os devidos comentários, naquele meu trabalho. Dela se vê que a *7 de Setembro de 1857* já ele ocupava Itapá, com 40 famílias que levara.

Até aí nada há a retificar.

Disse eu, porem, à pág. 29 da revista a que me reporto, que João Gabriel se havia encontrado, em São-Luiz do Maranhão, com o tenente-coronel Antônio Rodrigues Pereira Labre, *o grande explorador do baixo Purús* e fundador da cidade da Lábria, *que estava de viagem para aquele rio.*

Há engano nessa afirmativa.

Só agora. chegam-me às mãos dois livros preciosos, que tudo me esclarecem.

O primeiro é um opúsculo, publicado em Junho de 1918, "O Município da Lábria", da autoria do coronel Antônio C. R. Bittencourt, que ainda conhecí em Manaus, como governador do estado do Amazonas, homem de muita integridade moral, combatido pela política ferrenha daquele estado, mas hoje lembrado com respeito pelos seus conterrâneos.

O outro é uma bela obra histórica, de 270 páginas, escrita por um jovem, que ainda conhecí adolescente, neto de um conterrâneo nosso, o Sr. Cosme Alves Ferreira, comerciante de muita probidade, e filho do jornalista Vicente Reis, assaz conhecido em todo o País, pois foi o fundador de um grande diário—"Jornal do Comércio"—, que ainda pontifica em Manaus.

O Dr. Artur Cesar Ferreira Reis é o autor desse livro, de um alto valor, em que prova a sua grande erudição na matéria em que se revela mestre—"História do Amazonas."

Valho-me dos dois para estas notas ao meu citado artigo.

O coronel Rodrigues Labre não conhecia o rio Purús, nem mesmo o Amazonas, ao tempo da primeira entrada de João Gabriel na então cidade do Rio-Negro. (Outubro de 1854.)

Estou tambem convencido de que não foi por in-

terferência daquele que este seguiu para Belem, com o seu carregamento de mercadorias, em Setembro daquele ano, como eu supunha.

Num depoimento do major Carlos da Fonseca, escrito especialmente para ilustrar aquele opúsculo, e publicado à pág. 35, vê-se que o Cel. Labre só em 1869, no Pará, se contratava com um filho de Manuel Urbano, o grande explorador do Purús, para ir àquele rio, enviando com ele dois escravos para o esperarem em Canutama, enquanto voltava ao Maranhão. «*De fato*, diz ele, *em Dezembro desse ano*, a bordo do vapor *Madeira*, veio o Sr. Labre. Demorando-se aquí alguns dias, manifestou desejos de colocar-se no Purús, para o que voltaria a ir buscar pessoal, combinando com Manuel Urbano de lhe mandar arranjar um lugar para se estabelecer. De fato, Urbano mandou os homens para o lugar Atairí, acima do Ituxí, para lá prepararem barraca e esperar o sr. Labre. *Em junho de 1871* veio ele com gente e mercadorias.» (O MUNICÍPIO DA LÁBRIA, pag. 35-36.)

Entretanto, em 1862, sete anos antes do Cel. Labre chegar ao Purús pela primeira vez, já João Gabriel tinha explorado o Berurí, a 138 milhas de Manaus, como consta do relatório do presidente do Amazonas, Sinval Odorico de Moura, apresentado à Assembléia Provincial dalí, a 25 de Março de 1863. (Vol. 3, pág. 58.)

Em começo de 1869, quando apenas o Cel. Labre chegava a Canutama, muito abaixo de Tauariá, já João Gabriel, que alí morava, vinha para o Ceará, depois de 22 anos de ausência, donde retornou, chegando a Manaus a 4 de Outubro do mesmo ano, acompanhado de 53 cearenses, de Uruburetama. (Rel. citado, vol. III, pág. 771.)

A bordo do mesmo vapor *Madeira*, ia tambem o Cel. Labre, na sua primeira viagem, acompanhado somente de mais dois escravos, que deixou em companhia dos outros dois que haviam subido com o filho de Manuel Urbano.

Confirma-o Artur Reis:

«Em Outubro de 1869 chegou a primeira leva de cearenses. Era de cinquenta homens. *Dirigia-a João*

Gabriel de Carvalho e Melo, pioneiro ousado, heróico, que se fixara no baixo Purús, para onde levou os nordestinos, trazidos da serra da Uruburetama.

«*Em Dezembro de 1871*, organizada pelo Cel. Antônio Rodrigues Pereira Labre, um audacioso batedor, era a vez da maior leva de maranhenses que tambem se foram localizar no baixo Purús, onde é hoje Lábria.» ("Hist. do Amazonas", pág. 216. Artur Reis.)

Continua o historiador à pág. 217:

«Espraiando-se pela hinterlândia, esses cearenses, contratados pelos pioneiros, não recuaram a um embaraço. No Juruá e Purús buscaram-lhes os nascedouros, etc.; ocupavam largo trecho do Aquirí, *onde o comendador Carvalho e Melo penetrara em 1877*, antes da seca, com outra leva de imigrantes da Uruburetama, no Ceará.»

Como se verifica das datas acima (1857-1869), João Gabriel precedeu a Labre doze anos, no Purús.

A povoação de Lábria, onde se localizou em 1871 o seu fundador, Cel. Rodrigues Labre, foi elevada a freguesia, sob a invocação de Nossa Senhora de Nazaré de Ituxí, pela lei provincial n.º 265, de 15 de Maio de 1873, somente confirmada pela provisão do bispo diocesano do Pará, Dom Antônio de Macedo Costa, de 10 de Outubro de 1878, sendo nesta mesma data nomeado o seu primeiro vigário, o beneficiado Francisco Leite Barbosa, comprovinciano e grande amigo de João Gabriel.

Pela lei nº. 292, de 1874, já tinha sido criado o distrito de paz, tendo como juiz o Sr. José Leonídio Guedes. ("Mun. da Lábria", pág. 38.)

O Cel. Labre era então deputado à assembléia provincial e João Gabriel seu assíduo colaborador, no propósito de melhorar a situação do incipiente núcleo, elevando-o à categoria de vila. A luta foi renhida, por que os deputados de Manaus não se conformavam com a diminuição das rendas que acarretaria, ao seu município, essa separação.

Só pela lei n.º 523, de 1881, foi criada a vila da Lábria, mas a instalação demorou ainda 5 anos,

vindo a ter lugar somente a 7 de Março de 1886, em ato solene, presidido pelo vice-presidente da Câmara Municipal de Manaus, Dr. Pedro Regalado Epifânio Batista.

Nesse ato foram empossados os vereadores eleitos anteriormente, como consta do Auto da Instalação. (Opúsculo cit., pág. 56.) Eram eles: «Senhores *Comendador João Gabriel de Carvalho e Melo*, Coronel Antônio Rodrigues Pereira Labre, Capitão Manuel Alves Moreira Júnior, Padre Francisco Leite Barbosa, e Leopoldino Felix Guimarãis, faltando por motivo justificado o Major Jacinto Correia da Silva Botinelly e por falecimento o Capitão João Fleury da Silva Brabo.»

João Gabriel, portanto, fez parte do primeiro conselho municipal de Lábria, o que prova o grau de importância e conceito de que ele gozava na região.

Finalizando este capítulo do seu opúsculo, diz o coronel Bittencourt à pág. 82:

«Ao lado do coronel Labre, trabalharam, em benefício da Lábria, outros patriotas, recordando-me agora do general Jacinto Correia da Silva Botinelly, *capitão João Gabriel de Carvalho e Melo, de saudosa memória,* coronel Luiz da Silva Gomes e padre Francisco Leite Barbosa.»

Outras retificações:

O comendador João Gabriel de Carvalho e Melo não nasceu em 1820, como eu disse naquele trabalho a que me refiro. Nasceu a 6 de Novembro de 1816 e foi batizado no sítio Mundaú, serra da Uruburetama, onde moravam seus pais. Faleceu no seu seringal Tauariá, no Purús, a 8 de Fevereiro de 1895, na idade, portanto, de 78 anos e 3 meses.

Sua mulher, Dona Mariana Paz de Ávila, nasceu tambem no Mundaú, a 6 de Novembro de 1824, e faleceu, não alí, naquele sítio, como eu disse, mas no Purús, 14 anos depois do marido, a 18 de Setembro de 1909, portanto com 84 anos e 10 meses.

É verdade que, depois de viuva, residira ainda muitos anos na Uruburetama, mas, já muita velha, fo-

ra para o seu seringal, para lá morrer, como o marido.

José Gabriel de Melo, pai do Comendador, nasceu a 15 de Janeiro de 1797, casou a 15 de Janeiro de 1816 e veio a falecer em 1877, no Purús. Contava, pois, 80 anos de idade.

Rosa Maria da Conceição, a mãi, nasceu em 1799 e faleceu, no Mundaú, a 31 de Outubro de 1887, com 87 anos, sendo sepultada em São-Francisco da Uruburetama.

Estes tiveram 15 filhos, dos quais sobreviveram 12, que deixaram grande prole.

Os pais de Mariana Paz foram Antônio Paz de Ávila, nascido a 28 de Fevereiro de 1784 e falecido em Agosto de 1858, e Jacinta Maria de Jesús, nascida a 2 de Outubro de 1791 e falecida a 11 de Janeiro de 1857, casados a 10 de Janeiro de 1808; ele, filho de Lourenço Paz de Ávila e de Josefa Maria da Paixão, casados a 26 de Outubro de 1772; ela, filha de João Vidal de Carvalho, falecido a 21 de Setembro de 1825, e de sua mulher Bárbara Maria da Conceição, falecida em 1833, casados a 7 de Janeiro de 1790.

José Gabriel de Melo era filho de Aleixo Celso de Moura, nascido a 4 de Dezembro de 1772, e Francisca Antônia da Palma, nascida a 28 de Maio de 1773, casados em 1796; aquele, filho de Francisco de Moura Sousa e de Maria da Conceição e Melo; esta, filha de Manuel Francisco de Melo e Ana Maria Genoveva, casados a 26 de Janeiro de 1768, na capela da Almófala.

Rosa Maria de Jesús era filha daquele João Vidal de Carvalho e de Bárbara Maria da Conceição; aquele, filho de Germano Fernandes de Sousa, falecido a 17 de Novembro de 1781, e Francisca Ferreira da Silva; esta, filha de Felix Pereira Coelho, nascido a 29 de Fevereiro de 1728, e de Maria da Assunção de Moraiz.

Ainda tenho elementos para remontar-me às origens de toda essa gente, mas já me vou tornando enfadonho com a enumeração de tantos nomes, de que já nem existe memória. Para dar apenas uma

idéia da proliferação de tantas famílias, basta dizer que os pais de João Gabriel tiveram 15 filhos, os de Mariana Paz, sua mulher, 11; os avós, Aleixo Celso de Moura, 8, João Vidal de Carvalho, 12, e Lourenço Paz de Ávila, 8, dos dois matrimônios. Todos com muita geração, especialmente na zona de Uruburetama.

Nem se pense que essas origens são tão humildes, que não mereçam um estudo; não tem, certamente, como outras do Ceará, quiçá do Brasil, presunções de fidalguia ou nobreza, mas não desdoiram aos que hoje se orgulham de ser parentes do comendador João Gabriel de Carvalho e Melo.

("Almanaque do Ceará", ano corrente.)